

**POBREZA** // Pesquisa feita pela FGV mostra que renda dos mais pobres cresceu 14%, graças a programas sociais de transferência de renda

# Desigualdade social diminui no país

**A** desigualdade social no Brasil recuou nos últimos nove anos. Enquanto a renda dos mais pobres cresceu 14% em 2004, o conjunto da população teve ganho de apenas 3,5% no mesmo período. É o que mostra o estudo "Crescimento Pró-Pobre: o paradoxo brasileiro" da Fundação Getúlio Vargas (FGV), divulgado ontem no Rio de Janeiro. A virada começou em 2000, com a criação do Fundo de Combate à Pobreza para financiar os programas sociais de transferência de renda, como o Bolsa Escola, ampliado hoje para Bolsa Família. Esses programas são os vetores da diminuição da desigualdade no país pela melhoria das condições de vida da população de baixa renda.

O estudo da FGV mostra que a redução da desigualdade de renda no país vem apontando para uma trajetória descedente, iniciada na década de 90, com a edição do Plano Real. "Para a década de 90 o Plano Real foi importante porque trouxe a esta-

bilidade econômica e o controle da inflação", diz o professor Marcelo Néri, um dos coordenadores do estudo. Ele destaca, no entanto, que na década atual, a desigualdade está em nível mais baixo devido à ampliação dos programas assistenciais, como o Bolsa Família, que destina em média R\$ 50 todos os meses para as famílias com renda de até R\$ 50.

Com base nos números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), o estudo da FGV revela que nos últimos nove anos a economia brasileira ficou travada, apresentando crescimento negativo de 0,63% ao ano. Se comparada à renda dos mais pobres, a situação se inverte e aponta para o crescimento de 0,73% ao ano. No período de 2002-2005, a queda da atividade econômica foi de 1,35% — enquanto o rendimento das classes mais baixas aumentou 3,07%.

**Repasse** - A melhoria nas condições de vida da população mais pobre não ocorreu via renda do tra-

balho, mas através do repasse de recursos dos programas sociais. O professor Marcelo Néri considera a diminuição da desigualdade importante. "É um dos caminhos para as famílias que ganham menos de R\$ 50, porque R\$ 50 a mais pode mudar a vida delas", diz.

Questionado sobre as transferências de renda através da ampliação dos benefícios da Previdência Social para os mais pobres, Néri avalia que a relação custo-benefício dessas transferências é 19,8 vezes superior para

o caixa do Governo do que as bolsas. "As bolsas conseguem ter mais impacto na vida dos pobres e menos impacto nas contas públicas", defende.

O professor diz que é difícil afirmar que a redução da desigualdade através da Bolsa Família é sustentável. O estudo confirma que o Brasil tem um dos maiores índices de desigualdade do mundo, mas está em declínio nos últimos anos. Néri cita estudo do Banco Mundial que mostra que o país caiu da terceira para a décima posição no ranking.

## INFLAÇÃO

# IPCA fica abaixo do centro da meta

Rio - Com alta de 0,10% em maio, o IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) acumulado em 12 meses ficou em 4,23%, abaixo do centro da meta do governo para este ano, de 4,5%. É também a menor marca desde junho de 1999. Nos cinco primeiros meses do ano, a inflação foi de 1,75%, a mais baixa desde 2000.

A taxa de maio é a menor desde junho de 2005. Em abril, o índice havia sido de 0,21%. A queda de um mês para o outro ocorreu especialmente em razão da redução dos preços do álcool combustível, que depois do início da safra de cana caíram 11,06% em maio, também sob impacto da redução do consumo. Sozinho, o produto, que ainda acumula alta

de 13,35% no ano, contribuiu com uma queda de 0,16 ponto percentual para o IPCA de maio.

Para Eulina Nunes dos Santos, chefe da Coordenação de Índices de Preços do IBGE, não há pressões visíveis para a inflação deste ano e tarifas públicas devem jogar o índice para baixo com reajustes menores em 2006 do que em 2005, já que os indexadores tiveram variações menos intensas.

"Não existem pressões à vista. Pelo contrário, deve haver ainda um resíduo da queda do álcool em junho, já que foi o primeiro mês de redução do preço do combustível".

Em outras palavras, não há risco de o Banco Central não atingir neste

ano o centro da meta oficial de inflação, que prevê um intervalo de tolerância de dois pontos percentuais para cima ou para baixo.

"Mesmo que o câmbio fique acima de R\$ 2,40 e o petróleo continue a subir e determine reajuste dos combustíveis neste ano, que deve ocorrer só depois das eleições, dificilmente o IPCA ficará acima de 4,5%. Os resultados têm sido muito bons principalmente por causa dos alimentos e deixam claro que não há risco", diz o economista Luiz Roberto Cunha (PUC-RJ).

Preços baixos de alimentos, em parte por causa do câmbio e também em razão do clima mais favorável, asseguram neste ano, diz Cunha, um cenário de inflação baixa e sob controle que deve perdurar.

Em maio, porém, a deflação dos alimentos foi menor, apesar de vários produtos terem caído, como os *in natura*. A queda do grupo alimentação e bebidas, que havia sido de 0,27% em abril, baixou para 0,03% em maio.

O motivo foi o aumento dos preços do frango (8,42%), depois de meses seguidos em queda graças ao menor consumo mundial por conta da gripe aviária. De carona, a carne também subiu - 1,17% em maio, depois de registrar retração de 1,33% em abril. Ainda assim, a desaceleração dos preços dos remédios, energia elétrica e taxa de condomínio asseguraram o recuo do IPCA em maio.

FOI DE

**0,10%**

A VARIÇÃO DO ÍNDICE EM MAIO

## INFLAÇÃO

**4,23%** é a taxa de inflação acumulada nos últimos 12 meses até maio, contra os 4,63% registrados nos 12 meses imediatamente anteriores



### Altas no IPCA

Frango	8,42%
Bacalhau	5,14%
Gás de botijão	1,26%
Carnes	1,17%
Gasolina	0,44%



### Quedas no IPCA

Batata inglesa	-16,50%
Alcool combustível	-11,06%
Feijão preto	-8,88%
Frutas	-7,15%
Feijão carioca	-5,42%

Fonte: IBGE